

A proposta da Missão Continental e a missão *ad gentes*

de Estêvão Raschietti, *sx*¹

Resumo: para entender a caminhada da Igreja na América Latina e Caribe é preciso captar bem a proposta de renovação eclesial da Missão Continental, reconhecendo que o termo “missão” abrange hoje não apenas toda a atividade da Igreja, mas principalmente a sua própria essência estruturante. Necessitamos reconfigurar sistematicamente uma visão global de missão que articule corretamente as várias dimensões paradigmáticas e programáticas, as missões e as missionariedades. Neste quadro e neste contexto somos chamados a encontrar a contribuição referencial da missão *ad gentes* para a Nova Evangelização e para a pastoral missionária.

Abstract: in order to understand the journey of the Church in Latin America and the Caribbean it is necessary to grasp well the proposal for ecclesial renewal of the Continental Mission, recognizing that the term “mission” now covers not only the entire activity of the Church, but mostly its own structuring essence. We need to reconfigure an overview of mission that articulates correctly the various paradigmatic and programmatic dimensions, missions and missionarities systematically. In this framework and in this context we are called to find referential contribution of the *ad gentes* mission to the New Evangelization and to the missionary apostolate.

STATUS QUAESTIONIS

“Missão Continental” é o nome que se dá à Nova Evangelização na América Latina a partir da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho em Aparecida (2007). Aqui a Nova Evangelização é entendida não somente como ação específica dirigida aos cristãos culturais que “perderam o sentido vivo da fé” (RMI 33; cf. *Proposta* 7)², mas muito mais como profunda renovação missionária e na conversão pastoral do jeito de ser Igreja (cf. *Documento de Aparecida*, DAp 7.2; *Instrumentum Laboris* 83)³, que inclui reforma das estruturas – em primeiro lugar da paróquia –, transformação dos corações dos agentes, aprimoramento das relações de comunhão, mudança das práticas pastorais e projeção além fronteiras (cf. DAp 365 -379). Não resta dúvida que este é o “coração da Nova Evangelização” (*Instrumentum Laboris* 79).

Portanto, os elementos da Nova Evangelização, da Paróquia Missionária e da Igreja local protagonista da missão, estão todos incluídos na proposta da Missão Continental que toma uma

¹ Estêvão Raschietti é missionário xaveriano, italiano, há mais de vinte anos no Brasil, mestre em teologia dogmática com concentração em missiologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, (São Paulo, SP), atualmente Secretário Executivo do Centro Cultural Missionário de Brasília.

² Com a abreviação *Proposta* entendemos a Lista final de Propostas da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, realizada em Roma, de 7 a 28 de outubro de 2012. Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*. Brasília: CNBB, 2013.

³ Com a abreviação *Instrumentum Laboris* se entende o documento de trabalho da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, realizada em Roma, de 7 a 28 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html>. Acesso em: 28/10/2013.

configuração em torno de um projeto de redescoberta da essência missionária da Igreja, de conversão dos evangelizadores e de redefinição de linhas práticas ação. O Papa Francisco, em seu discurso aos bispos responsáveis pelo Conselho Episcopal Latino Americano (Celam) no Rio de Janeiro – que foi um verdadeiro prelúdio de sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium (EG)* –, recorda que a Missão Continental não é nada mais nada menos que “o compromisso” da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: “Aparecida não termina com um documento, mas prolonga-se na Missão Continental”.⁴

Ainda neste discurso, Francisco fala sobre uma distinção fundamental para entender corretamente a proposta da Missão Continental, delineando duas dimensões essenciais: uma programática e uma paradigmática:

*A missão programática, como o próprio nome indica, consiste na realização de atos de índole missionária. A missão paradigmática, por sua vez, implica colocar em chave missionária a atividade habitual das Igrejas particulares. Em consequência disso, evidentemente, verifica-se toda uma dinâmica de reforma das estruturas eclesiais. A “mudança de estruturas” (de caducas a novas) não é fruto de um estudo de organização do sistema funcional eclesial, de que resultaria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica da missão. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a missionariedade. Daqui a importância da missão paradigmática.*⁵

Missão e missionariedade, portanto: dimensão programática e dimensão paradigmática, projeto e dinâmica, ação e espírito. A dimensão paradigmática tem o papel de dar uma orientação fundamental à dimensão programática. Neste sentido, não devemos entender a Missão Continental como uma restrição do horizonte missionário, dos confins da terra ao redil geográfico do subcontinente, mas, muito pelo contrário, como um processo de profunda transformação das igrejas latino-americanas em todas as direções indicadas por Aparecida, à luz do paradigma de missão. O adjetivo “continental”, neste caso, não designa os horizontes da missão, e sim o sujeito: a missão das igrejas do Continente, no Continente, para o Continente e a partir do Continente. A seis anos da realização da V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, essa proposta não foi ainda bem assimilada pelas comunidades cristãs e pelas igrejas locais, ao ponto do Papa afirmar “que estamos um pouco atrasados no que a conversão pastoral indica”.⁶

Da mesma forma, organismos e instituições missionárias chamadas a animar as comunidades cristãs para a missão *ad gentes*, ainda não estão bem alinhadas na perspectiva da Missão Continental. Esta é enxergada mais como um desvio da ótica missionária do que uma aliada necessária. Com efeito, a maioria das práticas de animação missionária e vocacional na América Latina situam o apelo da missão *ad gentes* ainda dentro de um quadro de uma Igreja estabelecida, e não na dinâmica de uma Igreja em permanente estado de missão. Ainda se divide por demais o mundo em países cristãos e não-cristãos, buscando sentidos para a missão *ad gentes* a partir de uma típica visão de cristandade.

⁴ FRANCISCO. Discurso do Santo Padre aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano por ocasião da Reunião Geral de Coordenação. Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg/celam-rio_po.html>. Acesso em: 26/10/2013.

⁵ Ibid.

⁶ Ibid.

É preciso, portanto, captar bem a proposta de renovação eclesial da Missão Continental, trabalhando afincamente por sua implementação em todos os seus aspectos, ampliando o leque das perspectivas e dos compromissos missionários. É preciso também reconhecer que o termo “missão” abrange hoje não apenas toda a atividade da Igreja, mas principalmente a sua própria essência estruturante. Por isso necessitamos reconfigurar sistematicamente uma visão global de missão que articule corretamente as várias dimensões paradigmáticas e programáticas, as missões e as missionariedades. Neste quadro e neste contexto somos chamados a encontrar a contribuição específica da animação missionária para a missão universal⁷, tendo presente o papel de referência da missão *ad gentes* para a Nova Evangelização e para a ação pastoral (cf. *RMi* 34).

O PROCESSO DE RECEPÇÃO DA MISSÃO CONTINENTAL

O atraso em assimilar e assumir a Missão Continental, apontado por Francisco, se deve em parte ao próprio processo de difícil recepção desta proposta, que deixava lugar a diversas perplexidades e resistências, exatamente porque entendida somente como proposta programática. Lançada pelo Celam em setembro de 2005, com a publicação do Documento de Participação *“Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe”*, a Missão Continental dava mostras de que se tornaria o assunto mais importante do evento a ser realizado em Aparecida:

*Interessam também todas as experiências que nos possam ajudar a impulsionar uma Grande Missão continental, cujo tema seja o desta V Conferência Geral. Ela quer ser um passo decisivo de um processo de vivificação e de conversão, de comunhão fraterna e de um vigoroso despertar missionário.*⁸

Mas isso não surtiu grande entusiasmo por parte dos bispos. A V Conferência não tratou da Missão Continental, a não ser numa única passagem: *“Assumimos o compromisso de uma grande missão em todo o Continente, que de nós exigirá aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que permitam converter cada cristão em discípulo missionário”* (*DAP* 362). A operacionalização desse “compromisso” foi confiada inicialmente à Assembleia Plenária do Celam, que se reunia em Havana, Cuba, em julho de 2007 (cf. *DAP* 551). Sucessivamente, numa espécie de empurra-empurra, a Assembleia delegou o próprio Celam e seus departamentos a elaboração de um projeto. Em março de 2008, foi publicado um documento bem reduzido com o título *“A Missão Continental para uma Igreja Missionária”* (*MC*), aprovado pelos Presidentes das Conferências Episcopais. Enfim, a Missão Continental foi lançada oficialmente na conclusão do 3º Congresso Americano Missionário – 8º Congresso Missionário Latino-Americano (*CAM 3 – Comla 8*) em Quito, Equador, em 17 de agosto de 2008.

Um problema de fundo gerava muita perplexidade: o que se entendia por “Grande Missão”? Uma enorme operação continental no estilo das missões populares? Um projeto coletivo de Nova Evangelização pautado em algumas novas “receitas” ou programas evangelizadores de cunho proselitista? Uma força-tarefa de arrebanhamento jamais vista até então? Sem dúvida a proposta devia convidar a assumir com mais ardor a Nova Evangelização entre os cristãos culturais (cf. *RMi* 33, *Santo Domingo* 24) e a reevangelização entre os não-praticantes (cf. *RMi* 33, 37). O intuito era

⁷ Cf. CONGREGAÇÃO PARA EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Cooperatio missionalis*, 2. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/pont_soc/pospa/documents/rc_pospa_doc_10011998_cooperatio_sp.html>. Acesso em: 6/10/2013.

⁸ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de participação*. Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e Caribe. São Paulo: Paulus, 2005, n. 173.

colocar todo o continente em estado de missão porque “*temos uma alta porcentagem de católicos sem consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com uma identidade cristã débil e vulnerável*” (DAp 286).

Contudo, a insistência sobre uma Nova Evangelização concebida de maneira um tanto ingênua durante todos os anos '90, já tinha causado muita frustração nas igrejas locais. A perspectiva de reconquistar o “território perdido” pelo clima de pluralismo pós-moderno tinha fracassado. Os diagnósticos sobre a passagem de católicos latino-americanos para igrejas de outras denominações eram elaborados a partir de modelos saudosistas de cristandade: a perda de certas referências tradicionais e doutrinárias seria a causa do “afastamento” da Igreja por parte de muitas pessoas. Mas a convocação de movimentos de inspiração integralista numa empreitada reevangelizadora agressiva não deu os resultados esperados: não houve significativos avanços numéricos de católicos na América Latina. Parece ter havido em algum lugar um estancamento.⁹ Se isso for atribuído à atuação desses movimentos, o preço pago pelas comunidades católicas em todos os níveis foi demasiadamente alto em termos de divisões internas, de autonomias competitivas, de caminhos eclesiais paralelos e de expressões de fundamentalismo cristão.

Por esses e outros motivos, a recepção da proposta da Missão Continental não caminhou na direção de realizar uma gigantesca mobilização eclesial, tampouco de articular um projeto missionário em nível de toda Igreja do Continente. Pelo contrário, o Documento do Celam pós-Aparecida confere à Missão Continental um caráter de *animação missionária* – e não de *ação missionária* – em sentido analógico, querendo apostar muito mais numa dimensão paradigmática que em uma proposta programática: “*a missão que se realiza como fruto da Conferência de Aparecida deve, antes de tudo, animar a vocação missionária dos cristãos, fortalecer as raízes de sua fé e despertar a responsabilidade para que todas as comunidades cristãs ponham-se em estado de missão permanente*” (MC 2).

Objetivo dessa Missão Continental tornou-se, portanto, uma animação articulada para implementar as prioridades e os caminhos propostos por Aparecida, promovendo um “plano mínimo” (MC, *apresentação*) que possa expressar uma comunhão entre as Igrejas latino-americanas e caribenhas. O acento do documento do Celam recai muito sobre o aprofundamento da fé por parte dos discípulos missionários. O Tríptico doado por Bento XVI à Conferência de Aparecida, tornou-se um ícone sugestivo e popular, símbolo da Missão Continental. Entretanto, apesar de afirmar que se trata de “*fortalecer a dimensão missionária da Igreja no Continente e desde o Continente*” (MC 3), a perspectiva do documento é fortemente introvertida, dando a impressão de não querer promover nenhuma reforma estrutural: o apelo é chamar de volta os católicos para a Igreja, mas sem mudar nada.

Um ponto em particular, porém, acena para uma significativa novidade paradigmática: passar de uma Nova Evangelização realizada prevalentemente com eventos esporádicos (ex. programas missionários, missões populares, lances midiáticos de massa, etc.), para uma Igreja em *estado de missão*. Isso equivale a reconhecer a missão como vocação *permanente* da Igreja, e não apenas uma eventualidade, uma provisoriedade ou um estado passageiro (cf. EG 127). Isso equivale também a reconhecer o contexto de pluralismo no qual se encontra o mundo de hoje. Esse contexto não representa uma situação excepcional de nomadismo das pessoas. Nossas ovelhas

⁹ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008 – 2010*, n. 41. Disponível em: < http://www.cnbb.org.br/site/publicacoes/documentos-para-downloads/doc_download/150-87-diretrizes-gerais-da-acao-evangelizadora-da-igreja-no-brasil-2008-2010>. Acesso em: 26/10/2013.

não se sentem desgarradas e perdidas fora do redil da cristandade. Aliás, esse “estar fora” representa muitas vezes um estado de liberdade e de emancipação. Esse pluralismo é a própria “casa” dos nossos povos na América e no mundo, onde temos que entrar tirando as sandálias, para anunciar *permanentemente* o Evangelho e fazer discípulos missionários. Uma mudança radical de visão da alteridade e da própria identidade.

Enfim, nem todas as igrejas do Continente tiveram a mesma recepção da proposta da Missão Continental, nem todas chamaram o processo de conversão pastoral e renovação missionária com esse nome, e nem todas colocaram em pauta num projeto os mesmos elementos, as mesmas prioridades, as mesmas visões e os mesmos propósitos. Contudo, o impulso dado pelo Papa Francisco à perspectiva da Missão Continental foi decisivo para alinhar eventuais confusões, perplexidades e resistências. Com a missão e a busca de uma missionariedade da Igreja trata-se de encarar os desafios de uma renovação interna e do diálogo com o mundo atual, na saída da auto-complacência, da auto-referencialidade e do narcisismo teológico, na proximidade às pessoas que “toma forma de diálogo e cria uma cultura de encontro”.¹⁰

MODELOS E CAMINHOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Também para o tema da Nova Evangelização podemos enxergar um processo de recepção análogo, porém mais amplo em termos de exposição e de consequências para a Igreja universal. Desde que foi concebida, a Nova Evangelização ganhou decisivo destaque com a instituição de um Conselho Pontifício *ad hoc*, em setembro de 2010, com a celebração da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos em Roma, em outubro de 2012, e por fim, com a publicação da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* de Papa Francisco, em dezembro de 2013.

Lançada com ênfase programática por João Paulo II, em ocasião da XIX Assembleia Ordinária do Celam no Haiti (1983)¹¹, a Nova Evangelização deita raízes no Concílio Vaticano II e no desejo da Igreja católica de encontrar um próprio reassentamento num contexto mundial globalizado, secularizado e multicultural, não mais compreensível dentro ou fora da categoria da cristandade (cf. *Instrumentum Laboris* 10). Com efeito, a questão da evangelização não apenas nos países não cristãos, mas também e principalmente no mundo contemporâneo como tal, é a razão mais profunda da convocação conciliar. Duas foram as linhas de trabalho apontadas pelo Vaticano II: o *aggiornamento* da Igreja e o diálogo com o mundo contemporâneo. Esses anseios marcaram o passo também de todo o caminho da Igreja pós-conciliar, que se debruçou quase que exclusivamente sobre âmbito indicado pela Nova Evangelização, ou seja, a descristianização do Ocidente colonial que ocorre numa mudança de época marcada pela “ruptura entre o Evangelho e a cultura” (EN 20).

Como deve ser entendida essa Nova Evangelização foi assunto de um profundo debate antes, durante e depois do último Sínodo dos Bispos em Roma. O *Lineamenta*¹² afirma que se recorre ao

¹⁰ FRANCISCO. Discurso do Santo Padre aos bispos responsáveis do CELAM. Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.

¹¹ “A comemoração do meio milênio de evangelização alcançarão seu significado pleno se for um compromisso vosso como bispos, juntamente com o vosso Presbitério e com os vossos fieis; compromisso não certamente de re-evangelização mas de uma nova evangelização. Nova em seu ardor, em seus métodos, em suas expressões”. João Paulo II, *Discurso à XIX Reunião do CELAM* (09 de março de 1983), 3: AAS 75 (1983), 778.

¹² Com a abreviação *Lineamenta* se entende o documento em preparação da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, realizada em Roma, de 7 a 28 de

conceito de Nova Evangelização “para indicar o esforço de renovação que a Igreja é chamada a fazer para estar à altura dos desafios que o contexto social e cultural de hoje coloca à fé cristã, ao seu anúncio e ao seu testemunho, como consequência das profundas mudanças em curso” (5). Por sua vez, para o *Instrumentum Laboris* a Nova Evangelização “é a capacidade da Igreja em viver de modo renovado a própria experiência comunitária de fé e de anúncio num contexto de novas situações culturais que despontaram nestes últimos decênios” (47). Enfim, a *Mensagem* do XIII Sínodo dos Bispos ao Povo de Deus reitera que “os diversos cenários sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos chamam-nos a algo novo: a viver de modo renovado a nossa experiência comunitária de anúncio mediante uma evangelização como disse João Paulo II: ‘nova no seu fervor, nos seus métodos, nas suas expressões’” (2).¹³

Segundo Enzo Biemmi¹⁴, essas afirmações bastante genéricas, que apontam também – mas não necessariamente – para mudanças paradigmáticas, podem sustentar três representações diferentes de evangelização. A primeira seria uma evangelização entendida como testemunho alegre, confiante e entusiasta de uma forte experiência carismática *subjetiva*, caracterizado por um intenso anseio de anunciar e chamar o mundo à conversão. Esse anúncio é realizado a prescindir das pessoas às quais se dirige: o que conta é o impacto testemunhal, porque o sujeito está totalmente implicado nas palavras que pronuncia.

A segunda representação estaria concentrada mais na comunicação *objetiva* da fé: a evangelização é entendida como transmissão do depósito da fé, na proclamação clara e decidida da verdade e dos valores conexos, sem se preocupar excessivamente com as exigências dos destinatários e nem com o testemunho pessoal que essa transmissão implica. O risco, como alerta Papa Francisco, é de ser fiéis a uma formulação sem transmitir a substância do Evangelho, oferecendo assim um falso deus (cf. EG 41).

Finalmente, a terceira poderia ser resumida com o termo *inculturação*: evangelização é um processo de comunicação que acontece na aproximação, no encontro, no diálogo com o outro, não considerado apenas como objeto de uma ação eclesial, mas como sujeito que contribui com a conversão também do evangelizador e com a ressignificação do conteúdo anunciado: “*neste sentido, todos devemos deixar que os outros nos evangelizem constantemente; isto não significa que devemos renunciar à missão evangelizadora, mas encontrar um modo de comunicar Jesus que corresponda à situação em que vivemos*” (EG 121).

De alguma forma, esses três modelos se implicam circularmente, pois não há anúncio sem experiência pessoal de Deus (cf. EG 266) e sem fidelidade “objetiva” ao Evangelho (cf. EG 39) e à tradição apostólica (cf. EG 43). Contudo, sem mediação cultural e sem o encontro com as pessoas não há evangelização possível (cf. EG 129). É claro que o terceiro modelo é o que mais se refaz à proposta da Missão Continental almejada por Aparecida e por Francisco, em sua ampla Exortação Apostólica. É claro também que cada um desses modelos encontra nos últimos três pontificados uma acentuação pontual.

outubro de 2012. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20110202_lineamenta-xiii-assembly_po.html>. Acesso em: 28/10/2013

¹³ Com a abreviação *Mensagem* se entende a Mensagem ao Povo de Deus da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, realizada em Roma, de 7 a 28 de outubro de 2012. Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*. Brasília: CNBB, 2013, p. 36-37.

¹⁴ Cf. BIEMMI, Enzo. Per una evangelizzazione davvero “nuova”. Disponível em: <<http://www.sedosmission.org/sedosarticles/documents/ebiemmi-2013-peruna-en.pdf>>. Acesso em: 28/10/2013.

Na esteira desta reflexão, outra questão que diz respeito à Nova Evangelização está também no uso do adjetivo “nova”: o que se entenderia exatamente por “nova”? O que tornaria verdadeiramente “nova” essa evangelização? Também aqui se percebe um processo de compreensão e de recepção, numa mudança progressiva de perspectiva. Com efeito, se passa de uma abordagem funcional – é preciso de “novos” métodos, estratégias e de um “novo” compromisso pessoal por parte dos evangelizadores –, à convicção de que precisa mesmo um retorno ao Evangelho por parte da própria Igreja (cf. EG 174): o anúncio não seria mais eficaz porque as palavras do Evangelho não falam mais à própria Igreja:

Nestes dias, várias vezes, entre nós, Bispos levantaram as suas vozes a fim de recordar que, para poder evangelizar o mundo, a Igreja deve antes de tudo pôr-se à escuta da Palavra. O convite a evangelizar traduz-se num apelo à conversão. Sentimos sinceramente que devemos converter, em primeiro lugar, a nós mesmos ao poder de Cristo, o único capaz de renovar todas as coisas, antes de tudo as nossas pobres existências (Mensagem 5).

Um segundo passo significativo que está sendo dado em direção a um amadurecimento da concepção da Nova Evangelização, é que não basta falar de conversão pessoal, própria e dos outros, sem estender com coragem essa conversão à dimensão estrutural da própria Igreja. O Sínodo se limitou a tratar da conversão na esfera pessoal e espiritual. O *Documento de Aparecida* já afirma que é preciso antes de tudo “*abandonar as estruturas caducas que já não favorecem a transmissão da fé*” (DAP 365), pois se faz necessária “*uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e institucionais*” (DAP 367). O Vaticano II tinha declarado há cinco décadas: “*A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma*” (UR 6; EG 26). Uma Nova Evangelização, portanto, pressupõe uma nova Igreja local e uma nova paróquia.¹⁵ Não faz sentido nenhum continuar tudo como que está, porque o obstáculo maior vem das estruturas eclesiais que estão aí. Como também não faz sentido restaurar saudosamente o passado, porque pertence ao passado. Trata-se de buscar algo novo e inédito que faça sentido para hoje, na adesão a uma eclesiologia singelamente conciliar: porque no “hoje se joga a vida eterna”.¹⁶

Uma terceira decisiva mudança de conceito para uma Evangelização verdadeiramente “nova” está na superação da perspectiva de um anúncio do Evangelho de mão única: da Igreja para o mundo. Na realidade, se acreditarmos que Deus com seu Espírito age no mundo e antecede qualquer ação missionária (cf. EG 12), qualquer Evangelização se realiza num diálogo, numa relação de dar e receber, num processo de interação que comunica recíprocas experiências de Deus entre Igreja e mundo. Por ser diálogo, trata-se de um processo de produção e recepção de sentido entre as pessoas, superando a mera informação de dados: “a comunicação jamais pode ser vista como transmissão, deslocamento, transferência, como se fosse um objeto que eu pegasse de um lado e pusesse em outro”.¹⁷ Papa Francisco afirma: “*um diálogo é muito mais do que a comunicação de uma verdade*” (EG 142). Isso abre um “novo” horizonte de compreensão sobre o que é e o que deve ser Evangelização: esse horizonte deve pressupor, antes de tudo, um olhar sereno, conciliador e positivo sobre o mundo (cf. Mensagem 6).

¹⁵ Indicativo o documento de estudo 104 da CNBB: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

¹⁶ FRANCISCO. Discurso do Santo Padre aos bispos responsáveis do CELAM. Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.

¹⁷ MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação*. Contatos antecipados com a Nova Teoria. São Paulo: Paulus, 2008, p. 15.

Essa metanoia que investe a Nova Evangelização é um câmbio paradigmático para toda ação eclesial. À insistente e angustiante demanda sobre “o que devemos fazer” (dimensão programática) para evangelizar, a resposta está numa outra pergunta mais profunda: “o que queremos ser?” (dimensão paradigmática). Então, a Nova Evangelização representa um motivo para repensar toda a missão da Igreja – também a *missio ad gentes* (!) – mais que uma ação especificamente dirigida aos cristãos culturais. Ela aponta para uma conversão missionária que consiste numa renovada escuta da Palavra de Deus, numa profunda reforma das estruturas eclesiais e numa busca de encontro e de diálogo com todos.

CONCLUSÃO: UMA RENOVAÇÃO MISSIONÁRIA DE TODA IGREJA

A recente Exortação Apostólica de Papa Francisco se insere exatamente nesta linha: fazer da ação missionária o paradigma de toda a obra da Igreja (cf. EG 15) para colocar a Igreja “em todas as regiões da terra”, e não apenas na América Latina, em estado permanente de missão (cf. EG 25). Para Francisco, a evangelização é sempre “nova” na medida em que “*procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual*” (EG 11).

Evangelii Gaudium entrelaça do começo ao fim os conceitos de “missão” e de “evangelização” nas suas dimensões de anúncio explícito, de diálogo e de serviço ao mundo. Frequentemente, na reflexão teológico-pastoral e nos documentos do magistério, os dois termos – missão e evangelização – são usados como sinônimos intercambiáveis. Mesmo tendo evidentes e profundas implicações, as duas palavras não significam a mesma coisa, e seu diferente emprego pode indicar nuances importantes como também sentidos específicos próprios.¹⁸

O conceito de evangelização diz respeito à *comunicação* do Evangelho, no entanto aquele de missão se refere ao *envio*, à aproximação e ao encontro. Missão é, fundamentalmente, um deslocamento, um movimento que tem como origem a gratuidade e a compaixão do Deus Amor, enquanto evangelização tem a ver com a proclamação da mensagem e o apelo à conversão. A utilização desses dois termos indica aspectos e preocupações às vezes significativamente diferentes, embora intimamente vinculados um ao outro. Papa Francisco recorre freqüentemente à palavra missão e seus derivados, para expressar a exigência da Igreja de “*sair da própria comodidade e ter coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*” (EG 20).

O recado parece bastante claro: para poder evangelizar é preciso antes de mais nada se deslocar, sair, partir, ir às periferias. A primeira exigência da missão, como diz a própria etimologia, é o envio. Esta é a essência da missionariedade. Mas esse envio não é apenas *ad gentes* – *além-fronteiras*: é muito mais profundo e envolvente. Aparecida aponta para cinco envios – saídas estratégicas: *a saída das estruturas caducas* que já não favorecem a transmissão da fé (cf. DAp 365; EG 26); *a saída de si das pessoas*, na capacidade de se deixarem tocar e interpelar pelas situações de pobreza, sofrimento, injustiça (cf. DAp 366, 538; EG 272); *a saída de relações excessivamente hierárquicas e institucionais* para uma prática de autêntica fraternidade (cf. DAp 368; EG 87, 111); *a saída de uma pastoral de mera manutenção* para uma pastoral decididamente

¹⁸ Sem nos adentrar do detalhamento desta importante questão, remetemos aqui à ampla explicação de David Bosch: “Missão como Evangelização”. Cf. BOSCH, David. *A Missão transformadora*. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002, p. 489-503.

missionária (cf. *DAP* 370; *EG* 15); enfim, a saída das fronteiras como participação à dimensão universal da missão (cf. *DAP* 376; *EG* 181).¹⁹

Essa despedida das estruturas, de si, das relações hierarquizadas, das práticas corriqueiras e dos próprios quintais, de um lado chama a missão *ad gentes* a uma profunda reformulação de seu próprio modo de ser e de atuar, por outro a convoca também a oferecer uma contribuição específica, pois “sem a missão *ad gentes*, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada do seu significado fundamental e do seu exemplo de atuação” (*RMI* 34). Portanto, nesse esquema, a missão *ad gentes* não diz respeito somente a uma dimensão programática da missão, mas constitui um elemento essencial para a dimensão paradigmática, ou seja, para a missionariedade de toda Igreja, propriamente assinalada na necessária saída das igrejas locais de suas próprias fronteiras socioculturais para participar da missão mundial e para não cair na armadilha de fecharem-se em si mesmas (cf. *DAP* 376).

¹⁹ Cf. RASCHIETTI, Stefano. De la misión continental a la misión universal. La misión ad gente en el Documento de Aparecida. *Misiones Extranjeras*. Madrid, 236 - 237/2010. Disponível em: <<http://www.misionesextranjeras.org/~misiones/miex/documentos/236-237raschietti.html>>.